



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LUCAS RODRIGUES BATISTA DE QUEIROZ

**PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS
DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

FORTALEZA

2025

LUCAS RODRIGUES BATISTA DE QUEIROZ

PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS
DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo)
apresentado ao Curso de licenciatura em
Geografia da Universidade Federal do
Ceará (UFC), como requisito necessário
para a obtenção do grau de Licenciado em
Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Edivani
Silva Barbosa.

FORTALEZA
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Q45p Queiroz, Lucas Rodrigues Batista de.

Prática de ensino em geografia e a educação inclusiva : os desafios e as possibilidades na sociedade contemporânea / Lucas Rodrigues Batista de Queiroz. – 2025.

32 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2025.

Orientação: Profa. Dra. Maria Edivani Silva Barbosa.

1. Geografia escolar. 2. Educação inclusiva. 3. PIBID. I. Título.

CDD 910

LUCAS RODRIGUES BATISTA DE QUEIROZ

PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS
DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo)
apresentado ao Curso de licenciatura em
Geografia da Universidade Federal do
Ceará (UFC), como requisito necessário
para a obtenção do grau de Licenciado em
Geografia.

Aprovado em: / /2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Edivani Silva Barbosa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Alexsandra Maria Vieira Muniz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Emanuelton Antony Noberto de Queiroz
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus que todos os dias me concede a oportunidade de viver novamente com saúde e felicidade. O trabalho é um esforço final em memória da minha avó Cicera Rodrigues da Silva, recentemente falecida, mas que nunca sairá de dentro da minha memória e do meu coração. Dedico também a minha mãe, Cilene Rodrigues de Brito que incansavelmente dedicou a sua vida para me possibilitar uma formação em nível superior, jamais esquecerei de tudo o que ela fez e faz por mim. Aos meus demais familiares também guardo ressalva por toda a ajuda concedida em minha vida.

Peça fundamental nessa caminhada, agradeço aos meus amigos e amigas da Universidade, todos os momentos que passei ao longo desse tempo irei guardar para sempre, agradeço especialmente aos mais próximos dos quais cito: Auri, Diogo, Gizael, Yandra, Levir e Leonardo. Muito obrigado por me ajudar nos momentos de angústia e desespero, principalmente nos momentos mais difíceis da construção desse estudo.

Por fim agradeço aos docentes em geografia que marcaram profundamente a minha formação enquanto graduando. A minha orientadora, Professora Maria Edivani Silva Barbosa, agradeço pela dedicação e persistência junto a construção do meu artigo e sobretudo por ser referência na construção de uma geografia escolar ligada a justiça social e formação cidadã dos estudantes. Obrigado também a Professora Alexsandra Maria Vieira Muniz que contagiou o nosso laboratório com sua alegria e comprometimento. Agradeço também ao Professor Emanuelton Antony Norberto Queiroz (Manu) parte importantíssima da minha formação, pois é um professor de geografia exemplar em sua prática com esforço e dedicação no cotidiano escolar dos seus alunos.

Ademais, agradeço as pessoas que fizeram parte da minha jornada acadêmica, tenho certeza que o futuro nos reserva algo lindo e belo. Que Deus abençoe todos vocês sempre.

PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

TEACHING PRACTICE IN GEOGRAPHY AND INCLUSIVE EDUCATION: THE CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN CONTEMPORARY SOCIETY

Lucas Rodrigues Batista de Queiroz¹
Maria Edivani Silva Barbosa²

RESUMO

A Geografia escolar desempenha um papel fundamental na formação cidadã e na inclusão dos estudantes no ambiente escolar. Este artigo tem como objetivo compreender a relação entre a participação dos docentes no PIBID e o impacto dessa participação em suas práticas escolares para com os estudantes com deficiência. Os conceitos que balizam este estudo são: ensino de Geografia, com destaque para as obras de Cavalcanti, Barbosa, Pontuschka, Paganelli e Cacete; educação inclusiva, baseado nos estudos de Mantoan; e, contexto contemporânea, escola e tecnologias da informação e comunicação, com a contribuição dos estudos de Libâneo. Foi realizada análise documental da Constituição Federal e da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), 2008). A pesquisa inclui entrevistas com três docentes que atuam na rede pública estadual do Ceará, professores egressos do curso Geografia/Licenciatura/UFC e ex-pibidianos. Os resultados evidenciam a relevância do PIBID na formação docente e destacam a importância dos materiais didáticos na diversificação das estratégias de ensino, promovendo a inclusão no processo de aprendizagem. Por fim, o artigo apresenta algumas reflexões sobre os dados empíricos, ressaltando aspectos essenciais da relação entre ensino de Geografia e educação inclusiva.

Palavras-chave: Geografia Escolar; Educação Inclusiva; PIBID.

ABSTRACT

School Geography plays a fundamental role in the formation of citizenship and in the inclusion of students in the school environment. This article aims to understand the relationship between the participation of teachers in PIBID and the impact of this participation on their school practices towards students with disabilities. The concepts that guide this study are: teaching of Geography, with emphasis on the works of Cavalcanti, Barbosa, Pontuschka, Paganelli and Cacete; inclusive education, based on Mantoan studies; and, contemporary context, school and information and communication technologies, with the contribution of Libâneo studies. A documentary analysis of Federal Constitution and the National Policy on Special Education in the Perspective of Inclusive Education (PNEEPEI), 2008) was carried out. The research includes interviews with three teachers who work in the

¹ Licenciando do curso Geografia, da Universidade Federal do Ceará. E-mail: lucasrodrigues@alu.ufc.br

² Professora Associada do Curso Geografia, da Universidade Federal do Ceará. E-mail: edivanibarbosa@ufc.br

state public network of Ceará, teachers who graduated from the Geography/Licentiate/UFC course and former PIBidians. The results show the relevance of PIBID in teacher training and highlight the importance of didactic materials in the diversification of teaching strategies, promoting inclusion in the learning process. Finally, the article presents some reflections on the empirical data, highlighting essential aspects of the relationship between Geography teaching and inclusive education.

Keywords: School Geography; Inclusive Education; PIBID.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, vivemos em um mundo globalizado e acelerado, onde as mudanças sociais, econômicas e políticas têm um impacto significativo na vida das pessoas. A sociedade pós-moderna está amplamente inserida no contexto das tecnologias da comunicação e da informação, conferindo a este período uma característica única, distinguindo-o de qualquer época anterior.

Diante desse contexto, o papel da escola também se modifica a fim de atender às novas demandas sociais surgidas dessas transformações. Dentro da escola, temos um ensino de Geografia que pode ser influenciado pela sociedade tecnológica trazendo possibilidades de mudanças nas práticas de ensino desenvolvidas por docentes e discentes. Pensar o ensino de Geografia na escola implica sobretudo refletir acerca das dificuldades enfrentadas dentro da sala de aula. O distanciamento dos estudantes com a realidade espacial em virtude de uma forte presença do mundo virtual na vida dos alunos, além de haver o combate na concepção da ideia da Geografia como uma disciplina meramente decorativa, são algumas problemáticas enfrentadas por professores e professoras de Geografia em sua prática cotidiana.

O ensino de Geografia, desde a sua inserção como componente curricular da Educação Básica, em 1837, no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, durante o Período Imperial, foi caracterizado pelo ensino descritivo, mnemônico, enciclopédico e estava voltado para a construção do Estado-Nação (Rocha, 2000, p. 131). A criação do Colégio Pedro II representou importante elemento do projeto civilizatório do Império, de fortalecimento do Estado e formação do Brasil. Na leitura de Barbosa (2014, p. 106), as ideologias pregadas no estudo dos conceitos legitimavam os ideais do Estado nacional e tinha como objetivo principal efetuar a harmonia e o controle social, camuflando assim os conflitos sociais.

Desde então, a Geografia propagada nas salas de aula carregou esse teor de contribuir com o projeto nacionalista. Até o Movimento de Renovação, iniciado nos anos 1970 e prolongado na década 1980, as práticas de ensino caracterizavam-se pela transmissão e assimilação de conteúdo. Esse movimento de renovação caracteriza-se pelas diversas críticas em especial ao sentido nacionalista da Geografia na escola, aos conteúdos expostos de modo fragmentado no livro didático, às práticas dos professores como únicos detentores do conhecimento, ao comportamento passivo assumido pelos estudantes, às limitações dos recursos didáticos como lousa-livro-caderno, enfim, a crítica recai sobre o projeto hegemônico de escola que não reconhece o pluralismo da sala de aula.

No decurso da história, a Geografia vai se renovando no campo da Ciência e da disciplina como conteúdo escolar. No campo epistemológico tem-se a Geografia crítica, de origem marxista, como balizadora desta renovação. O sentido da Geografia na escola passa a ser o desenvolvimento de um pensamento crítico, autônomo sobre as questões sociais, econômicas, políticas, enfim, a busca por uma educação emancipatória e libertadora. Essa educação se traduz pela capacidade de analisar e interpretar o espaço geográfico, de compreender-se como participante desse processo, como sujeito histórico e socialmente constituído. Disso decorre a necessidade de apreender o espaço geográfico e identificar os processos que explicitam a materialidade do espaço e sua organização.

O acúmulo dessas práticas didático-pedagógicas ainda se faz representado no dia a dia da sala de aula no contexto da década de 2020. Acrescentamos à preocupação o desafio da educação inclusiva. Se a dificuldade já estava presente nas práticas de ensino e aprendizagem para alunos sem deficiência, avalie pensar o ensino de Geografia para alunos com deficiência, ou de modo mais explícito, quando o que está em questão é a educação inclusiva!

Diante do contexto dessa sociedade permeada pelas tecnologias da informação e comunicação, e o que ela pode oferecer como possibilidades para educação, o que pode ser favorável à educação inclusiva? Quais as dificuldades e potencialidades encontradas para o ensino de Geografia na perspectiva da educação inclusiva? Nesse contexto caracterizado pela diversidade de linguagens e recursos, o que de fato pode favorecer as formas de ensinar e aprender Geografia na perspectiva inclusiva? Na formação inicial de professores de Geografia, quais são

as práticas, metodologias, recursos, pensados numa perspectiva de um ensino de Geografia inclusivo?

Como profissional do magistério em formação, temos essa preocupação com as práticas de ensino em Geografia associada à educação inclusiva. Para buscar respostas a essa problemática, temos como objetivo geral compreender a relação entre a participação dos docentes no PIBID e o reflexo dessa participação em suas práticas escolares para com os estudantes com deficiência. Para entender as dificuldades das práticas de ensino na formação inicial em Geografia e na realização em sala de aula, delineamos os objetivos específicos nos seguintes termos: compreender o contexto da sociedade contemporânea identificando os recursos tecnológicos e informacionais que podem potencializar o ensino de Geografia na perspectiva inclusiva; identificar as dificuldades que os professores encontram na sala de aula na Educação Básica para desenvolver o ensino de Geografia na perspectiva inclusiva; compreender o processo formativo dos professores de Geografia e sua relação com a habilidade de lidar com os recursos didáticos, as linguagens e as metodologias na educação inclusiva.

A adoção dessa temática relacional entre as práticas docentes em Geografia e a inclusão, encontra fundamento e justificativa na importância atual de refletirmos sobre como a Geografia pode contribuir com a inclusão dos estudantes na escola. Além disso, o convite para a análise da prática docente em Geografia nesse contexto busca atender e refletir sobre um tema que ainda não recebe a devida atenção no curso de formação do qual participamos, escancarando uma possível lacuna presente na formação docente em Geografia podendo trazer alguns prejuízos quando o docente começar a sua trajetória em sala de aula. O envolvimento que tivemos com a temática, remonta a prática que foi desenvolvida na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia, onde conseguimos desenvolver uma aula de Geografia voltada para os estudantes presentes na sala de atendimento educacional especializado (AEE) da Escola Municipal de Tempo Integral Professor Álvaro Costa.

A estrutura do artigo foi organizada em sete seções, incluída esta Introdução. Na segunda seção, delineamos a Metodologia, o tipo de pesquisa, a abordagem e os procedimentos. Na terceira seção, discutimos sobre a escola e sua função na sociedade contemporânea, refletindo sobre a presença da tecnologia e como isso causa impacto nas práticas docentes, dentre elas, dos docentes em Geografia.

Posteriormente, na quarta seção, foram realizadas algumas considerações sobre o ensino de Geografia e sua possível colaboração na luta por uma escola inclusiva tendo por base a busca pelo exercício da cidadania dos estudantes. Na quinta seção, tencionamos levantar algumas considerações acerca da educação inclusiva e seu papel na escola atual na construção de uma instituição acolhedora. Na sexta seção, discorreremos sobre a fala dos docentes com atuação na Educação Básica, com base nas entrevistas realizadas, para compreender a relação entre o ensino de Geografia e a educação inclusiva. Na última seção, tecemos as considerações finais com a proposta de refletir as questões levantadas no trabalho com a premissa de pensar aspectos positivos e negativos sobre o contato da prática docente em Geografia e a educação inclusiva.

2 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois buscamos ter uma compreensão da temática mediante a abordagem qualitativa analisando a perspectiva de três professores que atuam na Educação Básica sobre a educação inclusiva. Estes professores, em seu processo de formação inicial na Geografia/Licenciatura/UFC, participaram do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) em edições diferentes. A pesquisa abre possibilidades para outras frentes de estudo de modo mais aprofundado.

Inicialmente, para compreender a temática, discorreremos sobre a prática docente desses três educadores que participaram do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido no Laboratório de Práticas de Ensino em Geografia (LAPEG) do Departamento de Geografia, da Universidade Federal do Ceará. Para guardar o sigilo de seus nomes, estes serão denominados de Milton Santos, Amélia Alba e Aziz Ab'Saber. Uma forma de homenagear esses grandes nomes da Geografia no Brasil.

Para a concretização dessa análise, alguns questionamentos foram levantados acerca das práticas desenvolvidas, assim como o papel do programa PIBID na formação dos professores da Educação Básica. Sob enfoque do contato entre o ensino de Geografia e a educação inclusiva, uma entrevista foi realizada com estes professores que participaram do PIBID em sua trajetória acadêmica. Os docentes foram questionados sobre três pautas fundamentais: (1) Como

desenvolvem e aplicam práticas de ensino voltadas para estudantes que necessitam de apoio educacional especializado; (2) Qual é a importância do PIBID no contato e na interação com esses estudantes; e (3) Quais desafios a docência em Geografia enfrenta ao adotar uma perspectiva inclusiva no ambiente escolar.

Abordando o ensino de Geografia e sua relação com a educação inclusiva, este trabalho visa levantar alguns pontos sobre a perspectiva dos docentes em Geografia com relação ao ensino inclusivo. Diante dos desafios e possibilidades encontradas, foram analisados como programas de fomento à formação docente como o PIBID podem contribuir para uma melhora na qualidade de ensino de Geografia para esses estudantes. Através da pesquisa qualitativa objetivamos compreender a relação entre a participação dos docentes no PIBID e o impacto dessa participação em suas práticas escolares para com os estudantes com necessidades especiais.

Como procedimentos, realizamos levantamento bibliográfico sobre as seguintes temáticas: escola e sociedade contemporânea (Libâneo, 2007, 2011), ensino de Geografia (Cavalcanti, 2024), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2012), Barbosa (2014, 2016), Muniz (2012) e educação inclusiva (Mantoan, 2006). A análise documental foi utilizada para compreender o marco legal sobre educação inclusiva com análise dos conteúdos das leis que balizam e asseguram o direito à educação para todos, sobretudo para as pessoas que são público assistido da educação inclusiva. Neste artigo, foi ressaltada a Constituição Federal de 1988 e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) do ano de 2008.

3 A ESCOLA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Pensar em escola significa pensar a formação de indivíduos para alguma realidade social preexistente. A função das instituições de ensino, dentre elas, a escola é baseada nessa principal característica: ser uma atividade formadora. Sendo assim, devemos nos questionar sobre alguns fatores que influenciam esse processo de formação das pessoas em nossa sociedade, como por exemplo, quem está sendo formado e em que realidade serão inseridos. Dito isso, é quase impossível concebermos a escola e o processo de ensino e aprendizagem isolado de um

projeto social mais amplo, pois ambos são dependentes e estão ligados por esse próprio processo formativo.

Logo, conforme a sociedade se transforma, a organização e os parâmetros escolares também são modificados, a fim de atender às novas demandas sociais que surgem com as mudanças sociais, econômicas e políticas. Com o passar dos anos, a sociedade se modifica e a escola deve se adaptar para formar os estudantes para os possíveis desafios que serão encontrados no mercado de trabalho. Atualmente, vivemos em uma sociedade rápida, volátil e amplamente conectada através do mundo virtual e tecnológico.

Os avanços científicos e informacionais deram a nossa sociedade essas características que distinguem nossa época de qualquer outra existente, somos uma civilização majoritariamente inserida nessa realidade integrada e conectada através da internet e outros meios de comunicação em massa. Alguns estudiosos chamam atenção para o fato de que a sociedade atual se difere totalmente das realidades sociais passadas, ao passo que o desenvolvimento do capitalismo modificou as bases sociais, científicas e tecnológicas.

A importância que adquirem, nessa nova realidade mundial, a ciência e a inovação tecnológica tem levado os estudiosos a denominar a sociedade atual de *sociedade do conhecimento*, de *sociedade técnico informacional* ou de *sociedade tecnológica*, o que significa que o conhecimento, o saber e a ciência assumem um papel muito mais destacado que anteriormente (Libâneo, 2007, p. 57);

Diante disso, devemos indagar qual a função adquirida pela escola com todas essas transformações socioeconômicas e, sobretudo, qual o lugar da escola na “sociedade do conhecimento”. Em um mundo globalizado, as mudanças ocorridas afetam significativamente o mundo da escola, pois exigem um novo tipo de indivíduo mais eficiente e flexível, justamente para se inserir nessa realidade heterogênea do mercado de trabalho.

Com esse quadro social, político, econômico e cultural observamos os rumos que a escola enquanto instituição formativa pode tomar, pois ela é diretamente influenciada por todos esses fatores em mudança. No capitalismo e na sociedade por ele criada, os valores baseados no consumo e individualismo exacerbado são tomados como exemplo por aqueles que desejam ter ascensão social. A escola passa a refletir essa face social do capitalismo, transmitindo valores

e atitudes característicos da sociedade capitalista, afastando as práticas escolares de perspectivas críticas norteadas pela justiça social.

As mudanças ocorridas em nível global modificaram as estruturas sociais e políticas pela forte influência que a era digital exerceu sobre as diferentes populações. Modificando a forma pela qual as pessoas se relacionam entre si, a tecnologia que caracteriza o período atual do sistema capitalista exerce influência no ambiente das escolas de maneira que as práticas docentes e discentes foram se transformando para atender às novas demandas surgidas dessa revolução nos meios de comunicação.

Porém, devemos nos atentar a alguns questionamentos que são extremamente pertinentes na análise da relação entre sociedade, tecnologia e escola. Para entender o lugar da escola na 'sociedade tecnológica', é necessário questionar se a instituição escolar conseguiu, de fato, acompanhar todas as mudanças provocadas pela onda tecnológica. Além disso, com a modificação das relações no ambiente intraescolar, persiste a dúvida sobre o papel adequado dos professores e dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem.

Com esse verdadeiro bombardeio de informações no nosso cotidiano, vale a pena repensarmos qual seria a função da escola e dos professores na democratização do conhecimento e na formação dos indivíduos. É comum pensarmos que a profissão docente perdeu valor, frente às mudanças sociais provocadas pela intensificação do uso de tecnologias, em virtude das transformações científicas e tecnológicas, surgem outras maneiras de adquirir conhecimentos, valores e habilidades essenciais na constituição do cidadão.

Em uma sociedade dominada pelas tecnologias da informação, o papel da escola, bem como dos professores pode adquirir novos rumos transformando a sua prática em algo novo, para se encaixar nas novas exigências educacionais. Sendo assim, com o advento de um número cada vez maior de instrumentos tecnológicos no ambiente da escola, é comum presenciarmos ideias atestando a importância dos professores nos processos de ensino. A hipótese de uma possível obsolescência na profissão docente surge com a substituição dos docentes por ferramentas e instrumentos comunicativos no ensino e aprendizagem dos estudantes.

Porém, apesar da difusão dos meios de comunicação e sua chegada deficitária ao ambiente escolar, ainda é de extrema importância a presença do

professor dentro da escola. Apesar das inúmeras possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias da informação, a escola não deixa de ser uma instituição essencial na transformação dos indivíduos para a vida em sociedade e o papel dos educadores reside justamente na capacidade de exercitar o pensamento crítico dos estudantes.

Quando reconhecemos a influência das mudanças sociais e econômicas no funcionamento das instituições educativas, necessitamos também nos atentar para as novas demandas que surgem com essas transformações em curso. Sobre as demandas surgidas desse processo, é inegável o seu impacto dentro do processo de ensino e aprendizagem, sobretudo na prática docente desenvolvida dentro das escolas. Com as novas realidades surgem assim novas atitudes esperadas dos docentes para acompanhar e dar conta das principais transformações ocorridas dentro e fora da escola.

A busca por essas mudanças dentro das práticas dos professores e professoras, se configuram como verdadeiros desafios a serem buscados na práxis docente a fim de se atingir uma melhora na qualidade do ensino e a possível contextualização dos estudantes na sociedade em que vivemos. Dentre as que podemos citar, algumas são de extrema importância para a manutenção do ambiente escolar como um espaço de integração dos conteúdos e competências pertinentes aos estudantes.

Superando a ideia do ensino como uma mera transmissão de conteúdos, os docentes devem assumir uma nova postura no tratamento dos conhecimentos sistematizados na escola.

Segundo Libâneo (2011), a mera transmissão de informações dentro de uma aprendizagem apreendida apenas como uma acumulação de conhecimentos não encontra viabilidade. Isso não significa o abandono dos conhecimentos sistematizados das disciplinas, mas significa que o professor deve considerar os conhecimentos e significados que os próprios estudantes trazem à sala de aula.

Levando em consideração essa recomendação, conseguimos em nossa prática atingir outros patamares antes inatingíveis pelo ensino hierárquico transmissivo. Dentro do ensino de Geografia, por exemplo, inserir nas discussões de aula as experiências e vivências socioespaciais dos estudantes acaba por facilitar a compreensão desses sujeitos sobre os conteúdos ministrados nas aulas. Além de

desenvolver o entendimento, os estudantes sentem certa representatividade dentro dos possíveis temas discutidos na sala de aula.

Outro fator importante dentro das práticas docentes escolares, diz respeito ao contato tanto dos professores quanto dos estudantes com as novas tecnologias da informação. Sendo algo presente no cotidiano dos indivíduos em nossa sociedade, as novas tecnologias da informação fazem parte também do cotidiano escolar, fato que hoje levanta o debate sobre a aplicabilidade dessas tecnologias no ensino.

Atualmente, é inegável o impacto das tecnologias no ambiente escolar, bem como na vida das pessoas dentro e fora da escola. Dentro das práticas educativas nos deparamos com diversas formas de desenvolver os conteúdos e ensinamentos das disciplinas, diversificando as formas de ensinar e aprender. Apesar do avanço nas tecnologias da informação e comunicação, o instrumento pedagógico fundamental no desenvolvimento pedagógico continua sendo o livro didático, baseando a prática de estudantes e professores no seu uso.

O livro didático ainda tem papel fundamental no processo de ensino, mas isso não significa que as novas tecnologias como os celulares, *tablets*, computadores e internet sejam completamente descartados das práticas de ensino. Quando os estudantes, principalmente os mais jovens, se encontram inseridos dentro de uma sociedade tecnológica é comum que seja criada uma maior familiaridade com as informações transmitidas virtualmente, no universo da internet e das redes sociais.

Os professores não podem mais ignorar a televisão, o cinema, o vídeo, o cinema, computador, o telefone, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque há tempos o professor e o livro didático deixaram de ser as únicas fontes do conhecimento (Libâneo, 2011, p. 40).

A aprendizagem por meio das novas tecnologias pode se tornar um fator preponderante na melhora da qualidade do ensino. Sendo assim, a implementação das tecnologias nas escolas sendo aplicada da maneira correta, poderia sim contribuir na aprendizagem dos conteúdos ministrados. Pensar em práticas escolares que consigam relacionar e aproximar os conteúdos constituintes do currículo da escola, com os aparatos de tecnologias disponíveis a ação da própria

escola tornaria aquela aprendizagem diversificada e aproxima os conteúdos de uma realidade mais próxima dos estudantes.

No ensino de Geografia, diversas são as possibilidades que relacionam os conteúdos geográficos com as tecnologias. Alguns temas tratados dentro das aulas de Geografia, se encaixam e encontram complemento com o uso de algumas ferramentas tecnológicas, como o computador. O estudo dos aspectos cartográficos da terra causou o desenvolvimento de um sistema de informações geográficas com base tecnológica, como o sensoriamento remoto, geoprocessamento e sistema de posicionamento global (GPS).

Portanto, a aplicabilidade dessas tecnologias, ligadas aos conteúdos de Geografia, levantam questionamentos pertinentes sobre o uso e a presença da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem. Questões acerca do acesso pelos estudantes aos instrumentos que compõem a difusão tecnológica em nossa sociedade tendem a limitar o uso desses aparelhos na escola. Além de questões estruturais, é necessário pensar na aplicação pedagógica desses instrumentos dentro do processo de ensino das disciplinas. O uso incorreto de um aparelho celular dentro da sala de aula pode ser extremamente prejudicial no desenvolvimento dos conteúdos programados. Sendo assim, cabe a nós, docentes e estudantes dos cursos de graduação, refletirmos sobre o uso das tecnologias no ensino. A presença desses instrumentos se torna cada vez mais uma realidade impactante nas práticas de ensino, influenciando a percepção das pessoas acerca das possíveis funções dessas tecnologias na escola.

4 O ENSINO DE GEOGRAFIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Pensar na escola contemporânea significa pensar em uma instituição formativa que está inserida na lógica econômica global, caracterizada pela intensificação da competitividade e no reforço a características individuais em detrimento de uma lógica baseada na coletividade. Logo, se faz necessário levantarmos uma discussão pertinente hoje no debate sobre o papel da Geografia dentro da escola, sendo uma das ciências humanas dentro da matriz curricular obrigatória educacional.

Para a atuação docente, é importante, então, identificar questões mais amplas sobre a sociedade, os processos educativos e saber como encaminhar os processos de ensino para que os estudantes aprendam. Os professores orientam seu trabalho com base em questões, como: o que (conteúdos) e para que (objetivos) ensinar aos discentes? Quem são eles? Como aprendem? Na linha dessa argumentação, a favor das didáticas específicas como uma das dimensões do conhecimento profissional do professor, acrescentam-se questões, como: o que é válido ensinar em Geografia? (Cavalcanti, 2024, p.35).

Nas discussões propostas atualmente acerca do ensino de Geografia muito se discute sobre o papel dessa disciplina no processo formativo dos indivíduos dentro da sociedade. Detendo um papel fundamental na formação e no entendimento espacial dos alunos, a Geografia escolar pode contribuir significativamente no desenvolvimento dos estudantes. Refletir sobre o papel da Geografia escolar na formação dos estudantes é discutir a prática docente e discente em Geografia, reconhecendo suas potencialidades e limitações dentro do processo de ensino e aprendizagem. Ao analisar o ensino de uma disciplina como a Geografia, nos deparamos com alguns fatores que exercem influência no desenvolvimento dessa Ciência na escola.

Sobre a importância do ensino de Geografia na escola, Barbosa define da seguinte maneira:

Feita matéria escolar, a Geografia contribui para o educando situar-se no mundo, compreender a organização desse espaço e identificar os tipos de intervenção que a sociedade executa na natureza, com vistas a buscar explicações sobre a localização e a relação entre os fenômenos geográficos. O ensino dessa matéria permite ao estudante acompanhar e compreender o motor contínuo de transformação do mundo no tempo e no espaço (Barbosa, 2016, p.83).

O papel desempenhado pela Geografia na formação dos indivíduos se liga de maneira crucial com o exercício da cidadania dentro e fora das instituições escolares. A contribuição dos estudantes e docentes nas reflexões acerca dos conteúdos e temas tratados na Geografia, é parte crucial no reforço e construção de um ideal formativo cidadão, levando os estudantes a refletirem sobre as mudanças sociais, econômicas, políticas e espaciais que caracterizam a nossa sociedade como um todo.

O ensino de Geografia, em todos os níveis, tem o sentido de trabalhar com a reflexão científica disponível, articulada aos propósitos e métodos de produção de conhecimento que permitiram tal reflexão, para que a

sociedade, as novas gerações, dela se apropriem, podendo, assim, qualificar sua relação com o mundo de modo inovador (Cavalcanti, 2024, p. 43).

Logo, podemos perceber que o papel da Geografia na escola tende a servir como um fator que integraliza os diversos conhecimentos pertinentes na análise espacial e científica do mundo atual. A importância da Geografia escolar na formação intelectual dos indivíduos encontra alicerce nesses estudos produzidos que buscam analisar a relação entre a prática docente em Geografia e a interpretação feita dos diversos fatores que compõem a nossa realidade espacial em sua totalidade. Ao contribuir com este entendimento, Barbosa explicita o papel fundamental exercido pela Geografia na escola:

[...] a Geografia nas escolas busca desenvolver o senso crítico dos educandos a fim de que estes possam atuar de maneira reativa e propositiva perante as injustiças sociais, ou seja, promove uma aprendizagem prática com intenção emancipatória. Quando este ensino adquire uma abordagem transposta à perspectiva tradicional, os educandos adquirem saberes para agir conscientemente em seus contextos de vida social, política e cultural, são capazes de desenvolver atitudes positivas em favor da justiça social e adquirem autoconfiança e independência (Barbosa, 2016, p. 83).

A preocupação na discussão acerca do ensino de Geografia na escola deve sempre ultrapassar os limites da mera transmissão de conteúdos na relação entre o que é ensinado e o que está sendo apreendido, visto que o papel da Geografia enquanto disciplina essencial na formação dos indivíduos não pode se resumir a esse aspecto transmissivo.

Esse modo de ver a Geografia na escola básica articula o ensino de conteúdos geográficos com o desenvolvimento intelectual, social e afetivo dos alunos. Ou seja, entende-se que é papel da escola propiciar, por meio dos conteúdos escolares, a formação ampla dos estudantes, com o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, com modos teóricos de pensamento, para que possam atuar/participar cotidianamente na sociedade como cidadãos conscientes e críticos (Cavalcanti, 2024, p. 44).

Interligar o ensino de Geografia com a formação cidadã dos estudantes tende a contribuir com o entendimento dessas pessoas para com o objetivo da Geografia enquanto disciplina escolar. Pensando em processos formativos mais amplos dentro das instituições escolares, percebemos como essa disciplina se relaciona com a própria ideia de ensino inclusivo que será discutido posteriormente no trabalho.

Quando falamos de educação inclusiva e imaginamos um processo capaz de agregar e aproximar os diversos grupos existentes na escola, a face da formação cidadã da Geografia entra como algo fundamental para a concretização do ideal inclusivo na escola.

A cidadania está ligada à participação da vida coletiva, o que supõe processos e movimentos de reivindicações de inclusão social, de respeito à diversidade e de direitos para melhores condições de vida e de sobrevivência (Cavalcanti e Souza, 2018, p.40).

Participar coletivamente da sociedade diz respeito ao conjunto de habilidades e conhecimentos desenvolvidas na escola e entendidas como algo fundamental para a inserção dos indivíduos na nova realidade social que vivenciamos. O contato no processo de ensino e aprendizagem com conceitos importantes para a formação crítica dos estudantes, passa obrigatoriamente pela Geografia enquanto ciência de base para a interpretação da realidade.

A formação cidadã pela escola e pela Geografia escolar, nesse entendimento, parte da compreensão de que ser cidadão é estar inserido, de modo crítico, consciente e participativo, em uma sociedade e em uma espacialidade complexas, dinâmicas, plurais. (Cavalcanti, 2024, p.45).

A espacialidade complexa e dinâmica citada corresponde hoje a realidade vivenciada pelos estudantes em sua prática cotidiana, buscar decifrá-la é uma tarefa árdua devendo ser exercitada dentro da prática docente e discente. Porém, hoje a escola detém uma variedade maior de recursos que podem possibilitar a integração desses conhecimentos e conteúdos a fim de contribuir com a formação das pessoas. Em nossa sociedade, o trabalho docente, assim como o planejamento presente nas práticas exercidas, deve estar mantendo relação com a realidade socioespacial na qual os estudantes estão inseridos. A cultura tecnológica cultivada e enraizada na mente das pessoas está também na escola, em convergência com aquilo que é ensinado e aprendido pelos alunos.

O aluno é um sujeito permanentemente estimulado pelos artefatos tecnológicos: TV, vídeo, games, computador e internet. Ainda que ele não seja dono de uma série deles, esse mundo já "entrou" em sua cabeça pela TV e por outros meios, ditando os ritmos e os movimentos da sociedade atual, os padrões e os valores da vida, as linguagens e as leituras de mundo (Cavalcanti, 2014, p.182).

A autora ainda problematiza as questões de acesso a esses aparatos tecnológicos, refletindo sobre a presença e o uso que algumas instituições escolares empregam nesses instrumentos.

Enquanto isso, muitas escolas permanecem muito pobres em recursos didáticos, muito distantes dessas inovações tecnológicas, ao passo que outras escolas não utilizam e/ou subutilizam os equipamentos que têm (Cavalcanti, 2014, p.182).

Contudo, quando refletimos sobre a prática docente, fica distante imaginar o planejamento das práticas sem aproximar dos conteúdos essa realidade tecnológica citada. Buscar essa aproximação, sobretudo no ensino de Geografia, contribui para a compreensão e o desenvolvimento dos sujeitos frente às dinâmicas socioespaciais que estão em constante transformação. O elo existente entre a Geografia e as tecnologias da informação reside no fato da realidade espacial também marcar presença no mundo virtual acessado por meio das tecnologias.

A cultura produzida neste mundo de tecnologias é repleta de informações geográficas. Os filmes, os desenhos, as charges, as fotografias, os slides, os anúncios de publicidades, os DVDs, as músicas, os poemas representam frequentemente, e das formas mais variadas, o mundo, os lugares do mundo, os fenômenos geográficos, as paisagens (Cavalcanti, 2014, p.185).

Se a cultura representada pelas tecnologias está presente nas escolas, nada mais justo que aproximar os estudantes dessa realidade através do trato dos conteúdos, sobretudo geográficos, para assim promover uma melhora na qualidade do ensino através dessa integração dos estudantes nesse processo de ensino baseado no uso dessas tecnologias da informação. Se podemos pensar em uma escola mais justa e inclusiva, devemos repensar qual o papel de uma ciência que trabalha o desenvolvimento cidadão dos estudantes somado a uma base de mediação tecnológica que algumas instituições escolares podem dispor em seu arcabouço didático e material.

Atualmente diversos são os instrumentos e meios disponíveis para que os educadores consigam aperfeiçoar a sua prática pedagógica em sala de aula. Diante da emergência em diversificar a prática docente em Geografia, alguns estudiosos chamam atenção para atitudes possivelmente adotadas com o fito de contribuir com a aprendizagem dos estudantes no ensino da ciência geográfica. A prática docente pode ser influenciada pelo uso de recursos didáticos variados na aula, com a adoção

de diferentes metodologias e linguagens que forneçam olhares diferentes sobre os conteúdos tratados dentro das disciplinas.

As linguagens constituem recursos didáticos que necessitam ser utilizados no mundo atual, seja na instituição escolar, seja em outros caminhos ou lugares, porque, por meio delas, os horizontes do conhecimento se abrem para jovens, professores e cidadãos que já passaram pela escola em tempos anteriores (Pontuschka, Paganelli e Cacete, 2007, p. 215).

Sendo assim, segundo as autoras, a própria compreensão dos indivíduos acerca da realidade social, espacial e cultural que os cerca, perpassa a apreensão dos conteúdos ministrados através do uso diversificado das linguagens disponíveis. A importância do uso de diferentes linguagens dentro e fora da escola, reside justamente nessa familiaridade dos estudantes com outras formas de compreender os ensinamentos acerca da realidade.

Sob a denominação de recursos didáticos, inscrevem-se vários tipos de materiais e linguagens, como livros didáticos, paradidáticos, mapas, gráficos, imagens de satélite, literatura, música, poema, fotografia, filme, videoclipe, jogos dramáticos. Algumas dessas produções já foram incorporadas pelos livros didáticos, colaborando para a compreensão dos textos e aprofundando o conhecimento do espaço geográfico (Pontuschka, Paganelli e Cacete, 2007, p. 216).

Diante da multiplicidade de formatos e formas, a prática docente encontra nas diferentes linguagens, algumas variações que contribuem com a compreensão dos estudantes. Utilizar ou não essas linguagens e recursos é uma questão pertinente quando pensamos no desenvolvimento das práticas de ensino em Geografia, sobretudo, se relacionada com a inclusão. Não se trata apenas de sair da monotonia do uso do livro didático, mas pensar outras formas de trabalhar os conteúdos na aula, visando atingir o maior número possível de estudantes, reconhecendo assim as diferentes formas de ensinar e aprender. O uso das diferentes linguagens beneficia a todos no ambiente escolar, ainda que a sua implementação seja complexa, essa prática contribui com o avanço na aprendizagem dos estudantes da educação inclusiva que frequentam o ensino regular. Acerca da educação inclusiva, a próxima seção vai tecer algumas considerações sobre essa concepção de ensino.

5. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E INCLUSÃO ESCOLAR

As transformações sociais, econômicas, políticas e culturais são resultado dos avanços comerciais e tecnológicos que proporcionaram à nossa sociedade a chegada em um momento tão único da nossa história. Atendendo às novas

demandas educacionais que surgem com os novos paradigmas, a escola também muda sua organização com o objetivo de acompanhar as mudanças em curso. Em suas lições, Mantoan explica que:

A escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam (Mantoan, 2006 p.12).

Referência nos estudos acerca da educação inclusiva, a autora evidencia que a estrutura da escola moderna reflete um modelo engessado de ensino, ainda baseado em princípios individualistas que exacerbam a competitividade entre os estudantes, distanciando o ensino de uma proposta formativa ampla e equitativa. Quando dialogamos sobre uma sociedade integrada e diversa devemos reconhecer também que o ambiente escolar tende a refletir essa diversidade no seu dia a dia. A autora faz a seguinte assertiva sobre a escola:

Diante dessas novidades, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. É muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos (Mantoan, 2006, p. 12).

Ponto de encontro entre diversas pessoas, culturas e ideias, a escola serve de palco ao contato cotidiano dos mais diversos indivíduos que compartilham o espaço das instituições escolares. Porém, para introduzir o debate acerca da inclusão escolar, devemos nos questionar se esses diferentes sujeitos que compõem a escola, detêm as mesmas oportunidades de acesso a uma proposta de ensino de qualidade. Além disso, podemos refletir se as práticas realizadas no interior dessa instituição, reconhecem e respeitam as diferenças existentes entre os estudantes que frequentam a escola.

Existem alguns documentos e declarações que ao longo dos anos serviram para assegurar direitos fundamentais que validam a permanência dos estudantes alvo da educação inclusiva no ambiente escolar regular. Documento fundamental na luta pelos direitos dos estudantes, a Constituição Federal foi um importante documento que primeiramente buscou trabalhar a escola como um espaço inclusivo que deveria atender a todos os estudantes sem discriminação ou exclusão.

Quadro 1 - Artigos que balizam a educação inclusiva na Constituição Federal

Constituição Federal	
Artigo 3	<i>“promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988, art. 3º, inciso IV).</i>
Artigo 205	<i>“a educação é um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, art. 205).</i>
Artigo 206	<i>“igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” como um dos princípios do ensino e garante, como dever do Estado, “a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988, art. 206, inciso I)</i>

Fonte: BRASIL (2025), adaptado pelo autor.

Outro importante marco para a conquista dos direitos dos estudantes da educação inclusiva foi a política exclusiva para o resguardo da presença dos alunos no ambiente da escola. De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPI) do ano de 2008 existem algumas nuances no trato da relação entre a educação realizada nas escolas, e uma proposta de ensino inclusivo.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção, de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola, para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas (Brasil, 2008, p.10).

A busca de alternativas para superar realidades discriminatórias e excludentes é o fator fundamental para relacionarmos o ensino inclusivo com a Geografia escolar. Sobre o citado ao longo do texto, conseguimos perceber que o papel do docente da Geografia, ultrapassa os moldes de um ensino meramente transmissivo dos conteúdos e habilidades, tratando de um processo formativo mais crítico e ligado com a realidade social dos estudantes. Portanto, a escola enquanto espaço formativo geral, deve implementar em sua organização práticas e atitudes

que incentivem a permanência e a convivência dos estudantes, reconhecendo suas diferenças e especificidades.

6 OS DOCENTES EM GEOGRAFIA E OS DESAFIOS COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A elaboração do artigo passou por trâmites teóricos e metodológicos fundamentais para entendermos a relação entre o ensino de geografia e a educação inclusiva, com a busca por conceitos e estudos que balizam essa análise. Essenciais no levantamento dos resultados do esforço construído, os docentes em geografia com todas as suas experiências contribuíram para a pesquisa através de suas vivências escolares que revelam algumas circunstâncias existentes entre o contato dos estudantes que necessitam de atendimento educacional especializado com o próprio ensino de geografia realizado nas escolas.

6.1 Práticas de Ensino e Inclusão

Acerca desse tópico, a entrevista realizada com os docentes em Geografia atuante da educação básica do município de Fortaleza e em Horizonte, municípios da Região Metropolitana de Fortaleza, buscou levantar essa questão de extrema pertinência quando pensamos a prática de ensino voltada para a inclusão dos estudantes nas aulas de Geografia, assim como a própria inclusão desses estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Tomando como referência as falas dos docentes presentes nas escolas públicas de Fortaleza - Ceará, podemos perceber algumas questões pertinentes acerca da introdução e da relação desenvolvida entre docentes e discentes na escola.

Os docentes entrevistados atuaram como bolsistas do Pibid/UFC nas seguintes edições: Milton Santos concluiu a graduação em 2013, participou da edição do Pibid 2011-2013; Aziz Ab'Saber concluiu a graduação em 2017 e Amélia Alba em 2018, ambos participaram da edição do Pibid 2014-2018.

Com relação à lotação na Educação Básica, Milton Santos é professor temporário da rede estadual de ensino em Fortaleza e Aziz Ab'Saber é professor temporário da rede estadual lotado no município de Horizonte. Amélia Alba é professora efetiva da rede estadual de ensino atuando em Fortaleza.

Quadro 2 - Contato existente entre a prática docente em Geografia e os estudantes da Educação Inclusiva, presentes em sala de aula.

Entrevistado	Citação
Milton Santos	<p><i>Na primeira questão, cara, é um desafio, sabe? Porque na minha vida acadêmica eu não tive tanta formação pra isso. Mas sinceramente, eu tive de formação zero sobre isso. E na prefeitura, porque o estado eu estou retornando agora, mas na prefeitura e também eu já trabalhei um tempo no estado, quando eu tava ali lá, tempo atrás, não vi nada. E na prefeitura, eu vi muito a partir da ação da profissional do AEE, na questão formativa da prefeitura, eu até vi uma vez. Mas eu achei bem fraco, sabe? Aí, como tô ali dizendo, é um desafio, porque é um pouco alvo, né? Que assim, numa sala de aula tem muitos alunos [...] É um público alvo que você tem que dar uma atenção toda especial. Aí, eu fui ter mais leitura sobre o caso depois da minha filha que tem autismo, né? Mas não só porque ela é autista que eu faria isso, mas assim, quando descobri o autismo na minha filha, foi que eu tive mais leitura sobre algo no caso específico do autismo, né? Eu tive mais leitura, mais conhecimento. Mas tem como lidar com a minha filha, sabe? Então, é um público que eu busco dentro dos limites [...]</i></p>
Amélia Alba	<p><i>Desde que eu comecei a dar aula, eu só tenho alunos com TDAH, com autismo, assim, num grau leve, alunos que conseguem se comunicar bem, alunos que conseguem interagir com os outros, que inclusive são bons alunos, né, que são bem aplicados, principalmente os autistas de grau mais leve. Mas, no geral, assim, eu não tive contato com deficiências mais graves. Então, por conta disso, eu nunca senti que eu precisava adaptar algo na minha prática para atender esses alunos, porque eles sempre deram retorno, sempre participavam, sempre participam, sempre participam, sempre conseguem responder as coisas, as atividades, as provas sozinhos. Então, eu nunca precisei, nunca senti essa necessidade e eles também nunca me pediram nenhum tipo de adaptação nem nada. Mas, por exemplo, esse ano começou na escola um aluno surda e com um grau leve de deficiência intelectual. E tá sendo uma nova experiência, porque eu não sei sinais, eu sei pouquíssimos sinais, eu consigo dizer um oi, perguntar se tudo bem, dar um bom dia, mas eu não consigo manter uma conversa com essa aluna. Ela tem um intérprete em sala e a intérprete já detectou que ela não domina libras, essa aluna, e que ela também provavelmente não é copietizada. Ela sabe copiar do quadro, mas ela só tá copiando, ela não sabe escrever, então vai ser um grande desafio pra mim, porque eu não sei como que eu vou lidar com essa aluna. Na hora da explicação tem a intérprete lá, que tá lá interpretando, traduzindo pra ela o que eu tô dizendo, até eu ia ok, mas aí chega na hora da atividade, eu tenho que ainda estudar, planejar o que é que eu vou fazer e entender a menina também, né, porque eu não sei, eu ainda não sei o que é que ela consegue fazer, ela é novata. Mas no geral é isso, eu não tive muito contato com deficiências mais puxadas, só autistas leves e TDAH, que sabendo lidar com eles, né, dando um pouco mais de atenção ali, quando eles estão um pouco mais agitados, ou explicando com outras palavras, quando eles falam que não entendem, isso eu sempre faço.</i></p>

Aziz Ab'Saber	<i>De certa forma, é uma realidade recente na minha prática docente. Lidar com ela demanda um processo de aprimoramento sobre como ensinar geografia para esse público. E sobre o processo, refiro-me à necessidade de, antes de qualquer ideia criativa, desenvolver a observação contínua desses estudantes, tendo em vista suas necessidades específicas. Atualmente, no início de um ano letivo, tenho uma lista de pelo menos trinta estudantes de ensino médio com necessidade de atendimento especializado. A princípio, pode despertar certa insegurança em relação a como ensinar geografia de modo a acontecer a aprendizagem, mas ao realizar uma observação contínua, é possível ver as dificuldades e habilidades de cada estudante. É a partir dessa observação que considero o próximo passo: o planejamento das atividades. É preciso pensar na aula considerando que para alguns estudantes, a metodologia adotada não vai funcionar, às vezes até o tipo de letra usada no quadro e o seu tamanho interfere na acessibilidade de alguns estudantes. Então é preciso já levar atividades separadas que contemplem as necessidades específicas. Entendo também e percebo que não deve ser uma atividade de menor valor pedagógico, para ocupar o tempo daquele estudante, mas deve estar alinhada às habilidades a serem desenvolvidas no componente.</i>
---------------	---

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor (2025)

Quando recebemos a experiência dos docentes em Geografia para com os estudantes desse público, conseguimos perceber que a relação entre esses dois agentes do processo educativo ainda percorre uma linha complexa de análise. A recém introdução dos docentes em um ambiente escolar caracterizado pela diversidade, demonstra às vezes a surpresa no primeiro contato com situações novas que se desencadeiam nas turmas regulares do ensino básico. É notável através da realização de uma entrevista o fato de que existem alguns fatores fundamentais que permeiam o contato e o desenvolvimento das aulas de Geografia para os estudantes, sejam eles com deficiência ou não.

O papel do docente em Geografia, em paralelo ao trabalho desenvolvido no Atendimento Educacional Especializado (AEE) pelo profissional responsável constituem algo essencial para o aproveitamento das aulas de Geografia que acontecem no cotidiano escolar. Refletir acerca da prática pedagógica da ciência geográfica, visando atingir os moldes de uma educação cada vez mais inclusiva, perpassa fatores como o planejamento, observação e sobretudo a conscientização de que a prática deve ser repensada a fim de atender melhor um público que está mais presente nas salas de aula.

Portanto, a diversificação da prática docente nas aulas de Geografia pode contribuir ativamente para a melhor inclusão desses estudantes no processo de aprendizagem. A formação docente em Geografia, deve ser pensada cotidianamente para a reformulação e renovação das práticas que acontecem nas instituições

escolares, algo que programas de fomento à formação tendem a trabalhar em seu processo de formação dos graduandos. Portanto, no próximo subtópico será analisado o papel do PIBID na diversificação das práticas de ensino, com objetivo de atender melhor o público de estudantes das escolas.

6.2 O PIBID na Formação Docente

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. Como fomento à formação de professores no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) mediante a Portaria Normativa nº 38, de 12 de dezembro de 2007 (com regulamentação pelo decreto no 7.219/10 de 24 de junho de 2010), cria o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), assim, objetivando qualificar os estudantes das licenciaturas por meio da vivência no espaço escolar, impulsiona a inovação das práticas que proporcionem uma aprendizagem cada vez mais significativa para os estudantes da rede pública de ensino.

O PIBID Geografia/UFC teve suas atividades iniciadas no ano de 2011. O Projeto objetiva aperfeiçoar a formação do futuro professor, ao mesmo passo que contribui para a desfragmentação do ensino de Geografia (Silva, 2017). Desde então, práticas são desenvolvidas com o intuito de contribuir para a formação dos graduandos a partir da ação em práticas pedagógicas que acontecem dentro e fora das escolas. No ano de 2018 ocorreram algumas mudanças na formulação curricular do projeto, passando por transformações importantes para o funcionamento do projeto. Dentre elas podemos destacar:

Dentre as mudanças ocorridas, destacamos o aumento do número dos integrantes, a redução do tempo de bolsa para dezoito meses (no Pibid 2014-2018 o período era de 24 a 48 meses) e a inclusão de estudantes como voluntários. Em 2018, o Pibid Geografia/UFC era composto por 29 bolsistas, sendo 24 remunerados e 05 voluntários. O subprojeto conta ainda com 02 professoras coordenadoras de área e 03 professores supervisores, sendo um supervisor para cada escola contemplada com o Projeto (Silva *et.al*, 2020, p.2).

Ao todo, desde 2011, o Pibid conta com 6 edições³: 2011-2013, 2014-2018, 2018-2020, 2020-2021, 2023-2024, 2024-2025. Na edição do Pibid de 2023-2024, o

³ Dados colhidos nos arquivos do Laboratório de Práticas de Ensino em Geografia (LAPEG), da Universidade Federal do Ceará.

subprojeto do curso de Geografia contava com 48 bolsas remuneradas, algo importante na história do desenvolvimento desse programa no departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará. Os bolsistas beneficiados, desenvolviam atividades nas escolas E.M.T.I Professor Álvaro Costa, E.E.M.T.I Dona Hilza Diogo de Oliveira, E.M.T.I Antônio Bezerra, Escola Estadual Liceu de Messejana, EMTI Maria de Lourdes Jereissati e EMEIF Monsenhor Linhares. Atualmente, o subprojeto do PIBID (Edição 2024-2025), que acontece no curso de Geografia, conta com a ação de 24 bolsistas que estão distribuídos em também 3 instituições escolares sendo a EMTI Professora Maria Antonieta Nunes e EEEP Juarez Távora. O projeto também conta com 01 professora coordenadora e 3 professores supervisores, atuantes das escolas. O quadro a seguir ressalta a importância do programa na intermediação entre os futuros docentes em Geografia e os estudantes da educação inclusiva.

Quadro 3 - Importância do PIBID no contato e na interação com os estudantes público alvo da educação inclusiva

Entrevistado	Citação
Milton Santos	<i>Quanto à questão do PIBID, sim, ele contribui desde que, dentro do programa, as professoras supervisoras, as escolas que estejam recebendo, os alunos, o programa e as professoras supervisoras, elas coloquem em pauta essa questão da educação inclusiva[...] Porque, por exemplo, na minha época, na minha época do PIBID, eu não tive nada sobre isso, não teve tanta questão do trabalho sobre inclusão, eu não sabia que os alunos da época, entendeu? Então, contribui, então, sim, eu acredito que hoje, né, o tempo está muito em pauta, né? Então, se a escola que tá recebendo o aluno, juntamente, um professor supervisor da escola e as coordenadoras do programa, quando elas trazem essa questão para o debate sobre a inclusão, né, da educação inclusiva, aí, sim, o PIBID torna-se uma ótima ferramenta para os futuros professores, porque acontece que muitos professores, até os mais de formação ainda recente, entendeu? Ainda tem muita dificuldade ao lidar com alunos que têm deficiência. Eu tiro, pelo último, um concurso da da prefeitura de Fortaleza, né, que professores que nunca tinham feito uma prova na vida flexibilizada, entendeu? Que é justamente aquelas provas para aqueles alunos com limitações. É, então, assim, acho que deu para entender, então, sim, contribui desde que seja desses moldes que eu comentei.</i>
Amélia Alba	<i>Quando eu estava no PIBID, eu não tenho lembrança de, na época, eu ter tido contato com alunos deficientes ou até mesmo com o AEE, que é o atendimento especializado. Mas, mesmo assim, por conta de atividades que a gente tinha que desenvolver do PIBID, não só as intervenções de aula diretamente com aluno, eu cheguei a ter contato com textos, em trabalhos, em eventos universitários, de outras pessoas apresentando trabalhos sobre isso. Então, esse foi o contato com a educação inclusiva que o PIBID conseguiu me proporcionar e eu acredito que sim contribuiu, porque eu consegui ter um pouco de noção de como eu poderia trabalhar dentro de determinados cenários. E isso foi benéfico para mim nesse caso. Mas, no geral mesmo, em</i>

	<i>sala de aula, durante as intervenções, quando eu estava no PIBID, eu não lembro de ter tido alunos com deficiências visíveis. Podia ter aluno autista, poderia ter aluno TDAH, mas, na época, se tinha, o professor não informou para a gente, o professor supervisor e ficou por isso mesmo.</i>
Aziz Ab'Saber	<i>Na minha época de bolsista do PIBID (2015-2017), não era uma temática que perpassava nossas práticas, elas aconteciam em torno de temáticas de conteúdo (raciais, urbanas, ambientais etc.), recursos didáticos, trilhas, aulas de campo e modalidades da educação. E sobre essas temáticas, sim, o PIBID muito contribuiu com a minha formação e prática docente. Acredito que hoje, com a inserção dessa realidade nas atividades realizadas no Programa, certamente antecipa questões de desafios da prática docente que muitos professores só foram conhecer já após sua formação inicial na graduação.</i>

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor, 2025.

O debate acerca do papel do PIBID na formação docente para as práticas inclusivas revela sua importância na fala dos docentes exemplificados. A dificuldade no trato de práticas voltadas para os estudantes da educação inclusiva ainda se torna um desafio a ser superado pelos docentes e futuros docentes em Geografia que se debruçam e se esforçam para modificar as práticas, voltando o ensino para uma prerrogativa inclusiva.

Pensar em práticas inclusivas, significa reconhecer que a transformação da práxis docente necessita ser analisada e posta em evidência. A contribuição do programa reside justamente nesse trato e contato dos graduandos com futuras situações educativas desafiadoras, ligando necessariamente o trabalho docente com uma estrutura de análise complexa.

Modificar as aulas de Geografia, fugindo da monotonia e do padrão de ensino meramente transmissivo dos conteúdos e habilidades é uma tarefa árdua que deve ser trabalhada tanto pelos educadores dentro das escolas, quanto pelos futuros educadores que ainda estão em um processo formativo. O PIBID dispõe de uma gama de atitudes e iniciativas que dentro do próprio programa contribuem com a diversificação das práticas escolares, como por exemplo, os grupos de estudos que tendem a trabalhar temáticas essenciais, presentes no cotidiano dos professores e professoras da educação básica.

6.3 Os Materiais Didáticos e seu Papel nas Aulas de Geografia

Os recursos, sejam eles tecnológicos ou não, servem como uma complementação do livro didático, ampliando o leque de possibilidades educativas.

Fugir da padronização que ocorre dentro e fora das escolas, significa renovar as práticas educativas buscando assim uma maior possibilidade de inclusão estudantil, via uso de outras formas de ensinar e aprender determinado conteúdo.

No contexto em que as diferentes linguagens no ensino se apresentam das mais variadas formas, cabe ao professor a função de utilizar estas ferramentas como recurso complementar ao livro didático, ou até mesmo substituí-lo, contribuindo para aprendizagem do ensino da Geografia, com o fim de despertar no aluno uma percepção crítica da realidade (Muniz, 2012, p.4).

Como citado anteriormente pela autora, lembrando a presença das diferentes linguagens dentro do ensino de Geografia, o trecho citado ressalta o papel do professor como um mediador entre as ferramentas disponíveis e a sua possível implementação no ensino e aprendizagem da disciplina geográfica.

Retomando as discussões sobre os materiais didáticos e sua aplicabilidade dentro das aulas de Geografia, o fragmento a seguir retirado das entrevistas põe em evidência o papel desempenhado pela presença dos diversos materiais didáticos na complementação das práticas dos docentes, contribuindo com a inclusão dos estudantes.

Quadro 4 - A importância dos materiais didáticos e tecnológicos na prática docente em Geografia, sobretudo como meio facilitador da inclusão.

Entrevistado	Citação
Milton Santos	<i>Enquanto os materiais didáticos, sendo eles tecnológicos ou não, usando recursos simples, independentemente, usando tecnologia ou recursos simples, isso é de fundamental importância dentro do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, sejam eles com ou sem deficiência. E com deficiência, principalmente, porque dependendo da deficiência, torna o assunto mais lúdico, torna o assunto mais interessante, torna o assunto mais legal na hora da aula. Inclusive, contribui até mesmo que dependendo do material, por exemplo, não somente para isso, mas também dependendo do material feito, até mesmo para incluir esse aluno, por exemplo, se for para um aluno de baixa visão ou um aluno que não seja cego, porque esses materiais táteis, ou até mesmo para alunos cegos que não têm sala de aula, é mais para fazer o material tátil, para simular com os alunos que não são cegos a dificuldade que esse aluno tem. Tudo que vinha é para somar ao processo de ensino em geografia, que contribuam uma aula mais dinâmica, uma aula mais lúdica, uma aula mais interessante, é essencial porque torna a aula mais chamativa e também torna o aluno mais participativo. E para os alunos com deficiência, como eu coloquei, dependendo da deficiência desse aluno, além de facilitar, também pode ser que inclua esse aluno. Então eu acredito que isso contribui para a escola como porque são recursos que, pensando numa questão mais coletiva da coisa, você pode passar ideia para o colega, também para o professor que esteja na sua geografia ou não, numa aula disciplinar que usa o material para justamente aplicar com esses alunos.</i>

Amélia Alba	<i>Respondendo à terceira pergunta sobre essa questão de materiais didáticos e instrumentos tecnológicos, eu acredito que são muito importantes, que podem contribuir muito para o desenvolvimento dos estudantes, porém que a gente chega no ambiente escolar de fato e a gente percebe que existem muitas dificuldades, porque os alunos não sabem utilizar esses instrumentos tecnológicos. E eu não digo não no sentido de não saber mexer, mas eles não têm a maturidade e o autocontrole para saber utilizar do jeito que a gente está pedindo. Então é uma dificuldade muito grande em sala de aula da gente utilizar um celular, da gente levar para o laboratório de informática e utilizar o computador, porque eles não se concentram na atividade que está sendo proposta dali, eles vão nas redes sociais, eles vão atrás de jogos, eles vão atrás de YouTube. Então eu acabo evitando usar esses equipamentos. E os materiais didáticos que a gente utiliza na escola, principalmente o livro, desde esse novo ensino médio, pelo menos lá na minha escola, os livros são muito ruins, muito ruins mesmo, eu simplesmente não utilizo o livro em sala de aula, porque esses livros do novo ensino médio são por área, então é um livro de história, geografia, filosofia, astrologia e o livro é da finura de um dedo por semestre e não tem o conteúdo, simplesmente não tem. No livro do primeiro ano, por exemplo, se tiver dois, três parágrafos de algum conteúdo da geografia, é muito, então eu não uso esse material didático. O que eu consigo fazer, eu levo textos impressos, eu copio no na lousa, para eles copiarem no caderno, faço bastante exercício, e é assim que eu tô levando até que venha o novo PNLD, que traga os livros novos, que eu espero que sejam bons. E aí desse jeito, eu acredito que para a inclusão, a tecnologia poderia ajudar ou não, dependendo do grau de conhecimento do aluno, do grau da deficiência do aluno também, né, para saber utilizar essas tecnologias.</i>
Aziz Ab'Saber	<i>São essenciais. A geografia se realiza pelos sentidos, então o olhar, o ouvir, o tocar são praticamente condição sine qua non para o ensino de geografia. É preciso entender que estamos em uma sociedade altamente conectada, logo, não faz sentido uma aversão à essa realidade, ela precisa estar inserida em nossa atuação enquanto professores de forma pedagógica e reflexiva, já que o uso pelo uso, pode não produzir efeito algum, é preciso sentido, é preciso intencionalidade. De forma mais prática, softwares e sites que utilizam-se de Inteligência Artificial (IA) são importantíssimos para o ensino de geografia, pois otimiza o tempo de planejamento das aulas e a produção de material. E o uso pelos estudantes, traz mais sentido ao aprendizado. Particularmente, costumo trabalhar com atividades práticas, onde os estudantes precisam pensar nos aspectos procedimentais e atitudinais daquele conhecimento. Outro aspecto da minha prática, é trabalhar com exemplos da realidade local, dados socioeconômicos, mapas locais, registros fotográficos, etc.</i>

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelo autor, 2025.

Os fatores ressaltados pelos docentes, são de extrema importância para as aulas de Geografia, em especial contexto informacional em que vivemos. A implementação desses recursos, sobretudo os de origem digital e informática, perpassam questões estruturais e intencionais, revelando a complexidade em introduzir esses componentes no cotidiano das escolas. Vale ressaltar que não se trata de uma substituição, mas sim de uma tentativa de articular saberes diferentes que ao serem conjugados contribuem ativamente para a inclusão e formação crítica dos estudantes.

A finalidade não é somente quebrar os paradigmas do ensino tradicional no que se refere ao conteudismo, à memorização do conteúdo e ao

distanciamento da realidade dos alunos ou mesmo, simplesmente substituir o professor, a lousa e o livro didático pelo moderno. A questão é bem maior e perpassa a postura teórico-metodológica adotada pelo professor que deve ser, acima de tudo, um educador formador de cidadãos capazes de problematizar, dialogar, desconstruir e reconstruir o conhecimento e dar a este um direcionamento seja no espaço próximo ou distante a partir da educação geográfica (Da Silva; Muniz, 2012, p.4).

Voltando a discussão acerca do ensino de Geografia voltado para a formação cidadã, a autora revela a face contributiva do uso desses instrumentos e recursos na modificação e implementação do ensino. Formar os indivíduos que hoje irão se inserir na nova realidade socioespacial, trata sobre ressignificar a prática docente estimulando e descobrindo novas possibilidades de aprendizado. Trabalhando o ensino de Geografia, o uso dos materiais didáticos e instrumentos tecnológicos tende a contribuir significativamente na melhora da qualidade do ensino e também na apreensão dos conteúdos e conceitos próprios da Geografia. A fala dos docentes ressalta justamente esse aspecto do ensino dessa ciência, relacionando por meio dos recursos práticas que estimulem os sentidos, vivências e culturas que fazem parte do cotidiano dos estudantes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema do Ensino de Geografia correlacionado com a Educação Inclusiva, com foco especial para a prática de professores e professoras participantes do PIBID é extremamente atual no panorama educacional e político no qual nos inserimos. Falar sobre educação e escola significa necessariamente discorrer considerações sobre a sociedade contemporânea, suas peculiaridades e características diferenciais, que causam imenso impacto nas práticas educativas.

As primeiras acepções do texto buscaram contextualizar a escola dentro da realidade informacional do nosso período, evidenciando as fragilidades e potencialidades oferecidas às instituições escolares. Transformações sociais de larga escala modificam o papel atribuído à escola, pois toda sociedade requer a educação um tipo específico de cidadão. Atualmente, se analisarmos o panorama traçado, percebemos que a formação dos sujeitos deixa de acontecer unicamente no ambiente escolar, demonstrando que a escola deixou de ser a única instituição formativa, apesar de ainda ser uma das principais. Falar sobre ensino na sociedade da informação é discutir também o papel atribuído aos instrumentos e recursos

tecnológicos dispostos na sociedade. A aplicação pedagógica desses recursos é tema de debate nos cursos de graduação e nas discussões dentro da própria escola.

No segundo momento, algumas considerações acerca do ensino de Geografia foram tecidas com o intuito de também inserir o ensino desta disciplina no quadro social atual. Relacionando a Geografia com uma proposta de formação cidadã, o fragmento ligou essa disciplina com a própria noção de inclusão no processo de ensino e aprendizagem. Fatores como o uso de recursos e materiais didáticos diversificados dentro do ensino também foram levantados como algo fundamental para a transformação das práticas de ensino, sendo essencial para a melhora na qualidade de ensino e da inclusão.

Levantar bibliografia e referências sobre a educação inclusiva compõem uma seção do artigo que se dedica a trabalhar um pouco sobre o significado da inclusão dentro da escola de hoje. Para uma melhor compreensão da importância da temática, o uso dos documentos legais, que fundamentam os direitos desses estudantes, foram ressaltados a fim de evidenciar os direitos que podem ser negados dentro das instituições escolares.

Por fim, a análise empírica ocorreu via a formulação de entrevistas com 03 docentes que participaram do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, onde foram levantados alguns pontos fundamentais para entendermos como acontece o processo de contato entre os docentes em Geografia e os estudantes da educação inclusiva. Além disso, entender o papel do PIBID na formação desses profissionais evidenciou a importância do programa na diversificação da prática educativa em Geografia e ampliação do processo de inclusão dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Edivani Silva Barbosa. **Docência e Geografia escolar: tempo, espaço e possibilidades**. 2014. 231 fl. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Fortaleza, 2014.

BARBOSA, Maria Edivani Silva. A Geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 82-113, jan./jun. 2016.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 mar. 2025.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.** Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <[link do documento, se disponível online]>. Acesso em: [02/03/2025]

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela geografia: ensino e relevância social.** Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. Campinas (SP): Papirus, 2012. p. 39-59; p. 175-198. (2018).

DA SILVA, Vlândia; MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. A geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da geografia. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 3, n. 5, p. 62-68, 2012.

FRANCO, Gerlaine Cristina Silva et al. Prática e formação docente: vivências no subprojeto PIBID Geografia/UFC. 2020.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?**. Cortez editora, 2014.

MANTOAN, Teresa E.; PRIETO, Rosângela G. In: ARANTES, Valéria A. (Org.). **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos.** São Paulo: Ed. Summus, 2006. 103p.

PONTUSCHKA, N. N., PAGANELLI, T. I., & CACETE, N. H. (2009). **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo, SP: Cortez.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia no Brasil. **Terra Livre**, São Paulo, n.15, p.129-144, 2000.

SILVA, F. T. C. da. Implicações do subprojeto Pibid Geografia na formação do professor. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.